PACUJÁ-CE, ENTRE O CAMPO E A CIDADE:
O ROÇADO AGROECOLÓGICO E A ECOLOGIA SONORA DA CANGAÇO RÁDIO ROCK

Cristiano Borges Lopes
Francisco Dênis Melo

Pacujá, CE - 2021

Aviso de Copyleft: Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anárquico / anarquista / banquinha de zines / coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação.

"Pacujá-CE, entre o campo e a cidade: o roçaçado agroecológico e a ecologia sonora da Cangaço Rádio Rock"

Cristiano Borges Lopes e Francisco Dênis Melo

Diagramação: Cristiano Borges Lopes / Baderna James
Arte de Capa: Guga Burkhardt
Adaptação de Capa: Klaus Zülow / Baderna James

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lopes, Cristiano Borges
Pacujá-ce, entre o campo e a cidade : o roçando agroecológico e a ecologia sonora da cangaço rádio rock / Cristiano Borges Lopes, Francisco Dênis Melo.
-- 1. ed. -- Pacujá, CE : Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-17072-6

1. Agroecologia 2. Ecologia 3. Cangaço - Brasil - História
4. História do Brasil 5. Rock I. Melo, Francisco Dênis. II. Título.

21-56119 CDD-981

Índices para catálogo sistemático:
1. História do Brasil 981
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Cada dia a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não havia pobreza no mundo e ninguém morreria de fome.

Mahatma Gandhi

O mundo vive na Música, pois é sua materialização etérea. Por isso não é possível viver no mundo sem ela.

Schopenhauer

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos agricultores responsáveis pelo Roçado Agroecológico da comunidade de Zipú/Pacujá em especial a Maria Aparecida.

Aos colegas de curso pela convivência e amizade, em especial o Felipe, Joaquim e o Francisco de Deus por estarmos sempre juntos na construção de nossos trabalhos e projetos do curso, não poderia esquecer do meu grande amigo Rômulo Castro que apesar de não está mais conosco, no curso, foi de grande importância para a realização desta pesquisa.

Aos professores do Curso de História do PARFOR-UVA, por toda contribuição e ensinamentos.

Aos amigos que contribuíram e contribuem para com o projeto Cangaço Rádio Rock.

Aos amigos Dalton Alves, Diassis Ribeiro, Klaus Zülow e Deivison Ferreira.

Ao amigo e professor Dênis Melo pela parceria para a concretização do projeto!

Gratidão ao apoio da minha família em especial a minha saudosa mãe Margarida Borges, meu pai Antônio Beserra e meus irmãos Batista, Cristina, Silvia e Carlos Henrique.

E a todos que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho fosse finalizado da melhor forma possível.

Cristiano Borges Lopes

PREFÁCIO

De que maneiras diferentes os lugares podem nos tocar? De que múltiplas formas eles nos afetam, podendo gerar afetos, impressões e memórias? Essas perguntas são profundas e poderiam gerar uma série de reflexões sobre como, enquanto humanos, construímos relações com os espaços, gerando sentimentos (bons e ruins), sentidos e histórias, de modo que o espaço pode ser lido e entendido como propõe Pierre Nora como "lugares de memória", de modo que nossas memórias, individuais e coletivas, podem ser ativadas ao estar em um dado lugar.

Por outro lado, pouco pensamos sobre como nós tocamos os lugares? A partir de que meios e sentidos estabelecemos conexões com os territórios que acessamos e vivenciamos ao longo da nossa existência? Quase sempre somos guiados pela visão, que dentro de uma sociedade com forte apelo imagético como a nossa, parece o sentido mais óbvio. Todavia, como nossos outros sentidos participam desse processo de integrar e comunicar o mundo exterior com nosso mundo interior? Como nosso tato, olfato, paladar e audição, sentem, cheiram, degustam e escutam os campos e caminhos que passamos e vivemos?

A obra "Pacujá, entre o campo e a cidade: o roçado agroecológico e a ecologia sonora da Cangaço Rádio Rock" traz para discussão uma perspectiva de percepção do lugar, nesse caso o citado município na região norte do Ceará, que nos coloca a sentir e interpretá-lo com outros sentidos. Somos convidados pela escrita de Cristiano Borges e Dênis Melo a conhecer Pacujá, não através da visão, mas dos seus sons. É assim que somos apresentados à ecologia sonora do lugar, onde se mesclam os sons do trabalho rural dos roçados e as guitarras e vocais guturais do rock. Encontramos o rural e o urbano, a terra semeada e as ondas sonoras,

o local e o mundial, conectados e em diálogo, como notas musicais que sozinhas podem soar simples, mas unidas compõem outros sentidos e textos musicais.

Nesse sentido, a obra em questão nos aproxima daquilo que propõe o historiador Robert Pechman, ao defender a necessidade de "desmineralizar a cidade", evitando assim, que os edifícios e monumentos em sua materialidade pétrea, se sobreponham aos sujeitos que constroem e reconstroem sua história cotidianamente. Deste modo, somos levados a ouvir outros sons, outras vozes e outros modos de construir a história e a cultura local.

Tudo isso tendo como fio condutor a proposta de uma Ecologia sonora, explicada pelos autores como sendo "todos os sons que ouvimos no universo da cidade e do campo, ou mesmo na privacidade de nossa casa, desde o som de um armador, de nossa voz, o barulho do escapamento de um carro ou de uma moto, passando por vozes, sons da natureza, sons de rádios, sino da igreja, latido de cães, entre outras sonoridades dispersas."

É por esta polifonia, de uma Pacujá multisonora, que as páginas desta obra nos leva, entendendo a cidade pelo prisma certeauniano enquanto lugar praticado pelos usos dos sujeitos, mas também por seu imaginário. Sendo este construído e reconstruído pelas práticas cotidianas e presentes dos homens e mulheres das comunidades de agricultores rurais de São Tomé, Boqueirão e Zipu, e dos jovens que encontram no Rock uma campo de expressão e impressão de sua forma de ver e ser no mundo.

Interessante destacar que tanto a prática de roçados agroecológicos como a Rádio Rock Cangaço são práticas de rompimento com as tradições, que como bem nos lembra Eric Hobsbawm e Terence Ranger são inventadas, inclusi-

ve para fins nefastos como os nacionalismo e discursos supremacistas, que ainda em nossos tempos tendem a colocar nações acima de tudo e crenças acima de todos. Os roçados apresentados rompem com a tradição secular dos homens e mulheres do campo que termina por degradar a terra e seus recursos, já a Cangaço Rádio Rock com uma programação voltada ao rock e seus subgêneros quebra a onipresença de alguns gêneros musicais de forte apelo comercial na programação das emissoras de rádio no estado.

Portanto, propondo e analisando um agro que não é pop, mas sim ecológico e um undergroud que bebe nas raízes e referências do cangaço, o livro nos coloca a necessidade de ouvir outros sons, ritmos e vozes na construção da História e da Cultura de nosso tempo.

Lhe desejo uma boa escuta e uma boa leitura!

Prof. Edilberto Florêncio

SUMÁRIO

Apresentação 15

Pacujá-CE, Entre o Campo e a Cidade:
o Roçado Agroecológico e a Ecologia
Sonora da Cangaço Rádio Rock 19

A experiência do Roçado Agroecológico
em Pacujá-CE 23

Ecologia sonora: a experiência do Rock
no rádio pacujaense 30

Era Cangaço Rádio Rock 34

Assessoria e selo 37

Programas 37

Fanzine 40

Coletâneas 42

Considerações finais 43

Referências 45

Sobre os Autores 47

APRESENTAÇÃO

A cidade de Pacujá-CE é o espaço de vida e de sonhos de todos nós. É o espaço de nossa pesquisa. Uma cidade nascida sob a pluralidade de negros, indígenas e brancos, a abrir espaços e sentidos humanos no sertão, à sombra das carnaubeiras, das aroeiras, sob o fio dos cactos da região, à sombra da Ibiapaba, numa terra marcada por fazendas, sendo importantíssima para Pacujá a Fazenda Belmonte. Aqui fincamos nossas vidas, acreditamos em nossos sonhos e projetamos esperanças para o futuro. Algumas vezes nos perguntamos como poderemos conhecer melhor a nossa cidade, sua história e sua gente. E não temos dúvidas de que um caminho importante para isso é a Escola, é a Educação, a Universidade. Nesse sentido, a Escola deveria pensar e repensar o lugar em que moramos, pesando sua História, conhecendo suas origens, mas sem endeusar, sem elevar a categoria de herói os prováveis fundadores ou agentes da política, por exemplo. Por outro, a Universidade é um espaço fundamental de parceria, construindo formas e métodos para se conhecer o nosso lugar, nos fazendo crescer no âmbito da crítica e da cidadania, de modo que sejamos capazes de exigir uma cidade sempre melhor e mais acolhedora, atividade que atualmente o PARFOR-UVA tenta realizar nos Cursos de História e Matemática.

A cada tempo Pacujá registra um modo de contar suas Histórias e de narras suas memórias. Isso porque a História é uma construção que se faz no tempo, e o tempo muda, mudando quase tudo ao redor, ainda que encontremos algumas permanências em nossas experiências de vida com a cidade. E por isso cada morador ou moradora da cidade guarda e é capaz de narrar uma cidade diferente que existe em sua memória, em sua história, em seu pensamento, isso porque as cidades são

vividas e imaginadas, e muitas vezes a cidade da imaginação não tem referência na cidade real, mas mesmo assim, esse tipo de cidade é parte da vida de quem imagina, de quem sonha e ressignifica o seu lugar. Uma cidade, muitas cidades. Assim, "Essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar: nomes de homens ilustres, virtudes, números, classificações vegetais e minerais (...)"[1].

Hoje queremos repartir um pouco alguns modos de conhecer e se reconhecer em nossa cidade, em suas lutas, cultura e manifestações, no caso, o Roçado Agroecológico da comunidade de Zipu, e a Cangaço Rádio Rock. Estamos falando de dois mundos que podem atender, a princípio, por uma mesma dimensão: a ecologia. Ecologia é tanto a natureza – a casa em que vivemos, a nossa casa, o planeta Terra, como o nome sugere, mas também pode significar Ecologia Sonora, ou seja a Paisagem Sonora da cidade de Pacujá. Paisagem sonora ou ecologia sonora são todos os sons que ocupam a nossa sensibilidade, estão de forma voluntária ou involuntária, em nossos ouvidos, desde o som da chuva caindo ou do trovão, o som das vassouras varrendo a rua, o toque do nosso celular, o escapamento de um automóvel ou as músicas da Cangaço Rádio Rock, entre tantos outros.

Fica dito assim, que por mais que pensemos que nossa cidade é muito pequena e simples, e que por aqui não temos muito o que contar, queremos dizer o contrário dessa mentalidade, afirmando que toda e qualquer cidade, por menor que seja, é espaço complexo e rico, que oferece sempre inúmeras formas e modos de existir e resistir.

1 CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo> Companhia das Letras,1998, p. 19

Imaginem vocês toda a rica história que se esconde por trás de tantas pessoas na cidade que trabalham com couro e que fazem parte de uma atividade que passou de pai pra filho, enriquecendo um universo maravilhosamente ligado ao que chamamos de tradições nordestinas, uma vez que toda essa região em que moramos basicamente nasceu às margens de fazendas de gado.

O convite está feito. Um convite para "ver" as experiências do Roçado Agroecológico e para "ouvir" o som pesado da Cangaço Rádio Rock em Pacujá. Um convite para ver e ouvir a cidade de forma mais envolvida, amorosa e reflexiva. Um convite para apreciar a força e o poder da cidade como nosso lugar, nossa casa, nosso ninho. A cidade que amamos e que muitas vezes criticamos também, é a cidade de cada um de nós, como parte afetiva e efetiva de nossas vidas. Uma cidade decantada e querida, como no soneto do poeta Vinicius de Moraes, que mesmo cantando São Paulo, nos motiva a cantar Pacujá:

SONETO SENTIMENTAL À CIDADE DE SÃO PAULO

Ó cidade tão lírica e tão fria!
Mercenária, que importa - basta! - importa
Que à noite, quando te repousas morta
Lenta e cruel te envolve uma agonia.
Não te amo à luz plácida do dia
Amo-te quando a neblina te transporta
Nesse momento, amante, abres-me a porta
E eu te possuo nua e fugidia.
Sinto como a tua íris fosforeja

Entre um poema, um riso e uma cerveja
E que mal há se o lar onde se espera
Traz saudade de alguma Baviera
Se a poesia é tua, e em cada mesa
Há um pecador morrendo de beleza?

Cristiano Borges Lopes
Francisco Dênis Melo

PACUJÁ-CE, ENTRE O CAMPO E A CIDADE: O ROÇADO AGROECOLÓGICO E A ECOLOGIA SONORA DA CANGAÇO RÁDIO ROCK

Uma das obras mais sedutoras sobre a existência das cidades, é *As cidades invisíveis*, do escritor italiano Ítalo Calvino. Ali, 55 cidades se apresentam ao leitor, se insinuam e se enredam entre metáforas, símbolos, sonhos, fantasias, inundando nossos olhos e nossas mentes com espantos e surpresas: a cada esquina uma cidade diferente, com formas explícitas ou disforme, com nomes sonoros, com paisagem clara ou indefinida. Todas as cidades, no entanto, são uma intenção amorosa e poética para decantar uma só cidade, uma só paisagem: Veneza. São cidades leves, rápidas, avassaladoras, desmontáveis, semelhantes, duplas, próximas, distantes, longe, perto. Lendo a obra somos levados a fazer algumas perguntas essenciais para todos nós, da cidade e do campo: o que é uma cidade? De que é feita uma cidade? Como conhecê-la? Como contar as suas histórias, compor e recompor suas memórias? Como uma cidade se relaciona com o campo, com a natureza, com sua paisagem sentimental, com sua paisagem sonora e geográfica?

Não é nossa intenção responder a todos os questionamentos. Muitas são as formas e os modos para se conhecer e estudar as cidades. Tudo depende basicamente de escolhas pessoais ou amorosas, de instrumentais teóricos e metodológicos disponíveis. Podemos dizer, no entanto, que cidade é um espaço praticado por todos nós. Na cidade e nos espaços circundantes, nós somos parte da cidade e do campo, porque construímos experiências vividas nesses espaços. Está certo para nós, que com relação as cidades, podemos nos deixar "submergir por um espaço musical", uma vez que "o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico,

histórico, funcional, afetivo..."[2] Com relação a Pacujá-CE[3] , nossa intenção é debater um pouco a Pacujá de parte de sua zona rural, no caso, a experiência do Roçado Agroecológico na comunidade Zipu. Por outro lado, cuidaremos da História contemporânea da cidade-sede, daquilo que chamamos de sua paisagem sonora, sendo esta "qualquer campo de estudo acústico", como por exemplo "uma composição musical, um programa de rádio (...)"[4], a partir da implantação de uma rádio web, a *Cangaço Rádio Rock,* espaço musical do rock em Pacujá. Um campo acústico estudado, uma paisagem sonora, também pode ser chamado de Ecologia sonora, no caso da *Cangaço*, produzindo uma sonoridade para além da constelação sonora mais massificada, ligada a chamada *música sertaneja ou ao forró*. Portanto, *Ecologia sonora* são todos os sons que ouvimos no universo da cidade e do campo, ou mesmo na privacidade de nossa casa, desde o som de um armador, de nossa voz, o barulho do escapamento de um carro ou de uma moto, passando por vozes, sons da natureza, sons de rádios, sino da igreja, latido de cães, entre outras sonoridades dispersas.

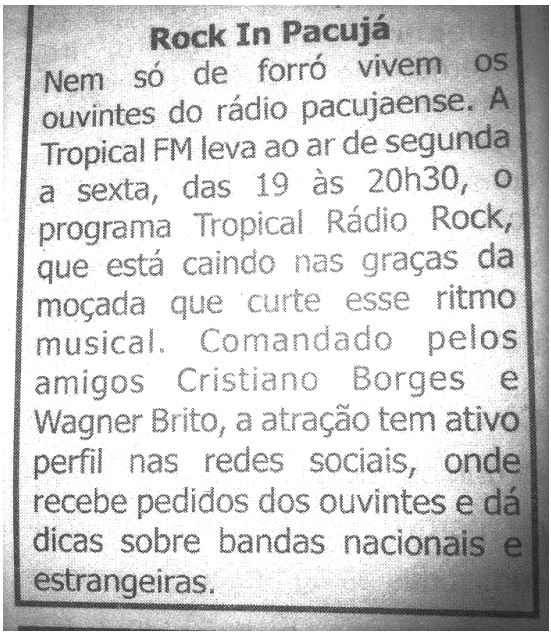
Abaixo temos um recorte do Informativo do PC do B em Pacujá, e que aponta para o que refletimos anteriormente, sobre outros lugares e outros ouvidos para músicas diversas no espaço sonoro da cidade, uma vez que nem só de forró vive a população da cidade de Pacujá...

2 GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.p. 153-154;157-158

3 O município de Pacujá-CE possui cerca de 6.000 habitantes (IBGE, 2010), estando localizado a 309 km de Fortaleza, na microrregião Noroeste do Ceará. Historicamente esse território está ligado a uma Fazenda de nome Belmonte. Conquistou sua independência da cidade de São Benedito, no ano de 1957, sendo elevada à categoria de município pela Lei Estadual nº 3692, de 17 de julho de 1957.

4 SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo.** São Paulo: Editora Unesp, 1997. P. 23

Figura 1 – Informativo do Comitê Municipal de Pacujá do PC do B. Edição n. 14 – Ano IV, Pacujá, março , 2015.



Rock In Pacujá

Nem só de forró vivem os ouvintes do rádio pacujaense. A Tropical FM leva ao ar de segunda a sexta, das 19 às 20h30, o programa Tropical Rádio Rock, que está caindo nas graças da moçada que curte esse ritmo musical. Comandado pelos amigos Cristiano Borges e Wagner Brito, a atração tem ativo perfil nas redes sociais, onde recebe pedidos dos ouvintes e dá dicas sobre bandas nacionais e estrangeiras.

Fonte: Cristiano Borges Lopes

Pensando agora no campo, com relação aos roçados agroecológicos, um dos grandes desafios é produzir o necessário para que não haja pobreza no mundo vivido de cada um, ou seja, nas comunidades, especialmente as interioranas, por esse imenso Brasil, como lemos, na epígrafe que abre essa parte, nas palavras de Gandhi.

Por outro lado, como a História tem tratado da questão fundamental que precede as reflexões de Gandhi, ou seja, o que os historiadores têm pensado com relação a natureza? Essa temática torna-se ainda mais importante no contexto de agressão e de violência contra a natureza, atualmente em curso em nosso país. Sabemos que

> a crise ambiental do mundo globalizado do século XXI revela a ilusão e as contradições ecodestrutivas da racionalidade moderna que, no limite colocam em risco a própria vida no planeta Terra. A consciência da dimensão global da crise ambiental impôs um desafio de vida ou morte para as gerações do século XXI, um desafio que nos obriga a pensar e agir de modo radicalmente diferente.[5]

As reflexões de Carola nos dão as pistas necessárias para nos atermos a essa discussão, na medida em que apontam questões urgentes: a possibilidade do fim da vida humana na Terra em vista da depredação do planeta. Nesse sentido, é que, ainda segundo Carola, "A gravidade e amplitude do problema acabaram motivando um novo campo de estudo. Surgiu então a História ambiental".[6] Campo novo em plena efervescência, mas ainda em formação, podemos dizer assim, ainda que sua base venha desde a década de 1970, tem como objetivo "Aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados".[7]

5 CAROLA, Carlos Renato. Meio ambiente. In. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Novos temas nas aulas de história.** São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 174

6 CAROLA, op, cit, p. 175

7 WOSTER, Donald. **Para fazer história ambiental.** Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, Estudos Históricos, 1991, v. n.8, p. 198

A EXPERIÊNCIA DO ROÇADO AGROECOLÓGICO EM PACUJÁ-CE

Pretendemos apresentar na primeira parte deste trabalho, de forma clara e concisa, o pioneirismo regional do Roçado Agroecológico existente nas comunidades de agricultores rurais de São Tomé, Boqueirão e Zipu, sob organização do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Agricultores e Agricultoras Familiares na cidade de Pacujá/CE, instituição localizada à Rua Francisco Eugênio de Oliveira, organização fundada no dia 06 de maio de 1973, mas vamos focar nossas atenções na comunidade de Zipu. Acerca da implementação do plantio sustentável e ecológico, onde os moradores em parceria com o sindicato dos agricultores rurais, em meados de 2017 começaram a desenvolver o projeto do roçado agroecológico, que tem uma grande significância para os envolvidos nesse projeto, e também para as comunidades já destacadas anteriormente, que se beneficiam com o sucesso da organização, produção e divisão de sementes. Além da união que este empreendimento coletivo provoca na comunidade e a conscientização sobre a importância da preservação ambiental. Pacujá é um município com renda *Per capita* muito baixa, e isso influência de maneira clara na vida simples da população.[8]

8 Em 2017, o salário médio mensal era de 1.3 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 8.6%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 161 de 184 e 78 de 184, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 5423 de 5570 e 3876 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 52.8% da população nessas condições, o que o colocava na posição 106 de 184 dentre as cidades do estado e na posição 838 de 5570 dentre as cidades do Brasil. Fonte: cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/pacuja/panorama. Acesso em 29/04/2020, às 08:50h.

O roçado localizado na comunidade do Zipu, zona rural de Pacujá, tem três anos de existência, e consiste basicamente no plantio sem queimadas, ou, seja no processo de preparo da terra é realizado o corte de algumas árvores e a criação de *camaleões*[9], reaproveitando os galhos e sem o uso de agrotóxico. Quebrando uma tradição secular na forma de produzir alimentos, marcada pelo uso recorrente da coivara[10], também conhecida como "cultivo de corte e queima",[11] e ao mesmo tempo preservando a biodiversidade.

A agricultura agroecológica ainda está longe de ser algo bem visto pelos produtores mais abastados, tendo em vista que a grande recusa para com o roçado ecológico se dá por conta de que o retorno da colheita não ser imediata, de certa forma na contramão da agricultura considerada tradicional, apesar disso com o passar dos anos vem sendo adotada por

9 Camaleões são construídos manualmente ou mecanicamente, com altura aproximada de 0,30 m e base de 0,50 a 0,90 m, utilizando galhos e outros materiais naturais de até 20 cm. Ver: Apostila Culturas Alimentares. Embrapa. Amazônia Ocidental. Manaus-Amazônia, 2006.

10 O termo 'coivara', de origem indígena, significa empilhar e tornar a queimar troncos e galhos não consumidos em uma primeira queima, para assim fertilizar a terra para o plantio.

11 "Essa forma itinerante de agricultura, usada há milênios, baseiase na abertura de clareiras na floresta para serem cultivadas por períodos mais curtos do que aqueles destinados ao descanso e à regeneração da terra. O sistema de coivara é encontrado hoje em diversas regiões do mundo, inclusive no Brasil, na Amazônia e em áreas de mata atlântica. Para muitos especialistas, tratase de uma estratégia de manejo de recursos na qual os campos cultivados são usados em rodízio, com o objetivo de explorar o capital energético e nutritivo acumulado no conjunto solovegetação das florestas. Outro aspecto que marca esse método de cultivo é que o fator limitante mais significativo de sua prática é quase sempre a mão de obra, e não a disponibilidade de terras". Ver: Coivara: cultivo itinerante na floresta tropical. Article in **Ciência Hoje** · October 2012. Acesso: 28/04/2020, às 09:38h.

pequenos e médios produtores rurais em vários lugares do Brasil a partir de sistemas organizado de trabalhadores rurais. Sobre a agroecologia, trata-se de

> uma ciência surgida na década de 1970, como forma de estabelecer uma base teórica para esses diferentes movimentos de agricultura não convencional. É uma ciência que busca o entendimento do funcionamento de agro ecossistemas complexos, bem como das diferentes interações presentes nestes, tendo como princípio a conservação e a ampliação da biodiversidade dos sistemas agrícolas como base para produzir auto-regulação e, consequentemente, sustentabilidade.[12]

A questão gira em torno da sustentabilidade e da conservação da biodiversidade, na perspectiva do entendimento de que é preciso interagir de forma harmônica e responsável com o meio ambiente. De certo modo busca-se a superação do estado de coisas em que, "Com efeito, "civilização humana" era uma expressão virtualmente sinônima de conquista da natureza. O mundo vegetal foifonte de alimento e de combustível".[13] Nesse sentido o desafio proposto é conviver, interagir com o mundo natural.

Nesse sentido, procuramos conhecer um pouco o pensamento da presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores e Agricultoras Familiares de Pacujá, que sobre o roçado agroecológico, Maria Aparecida, nos informa que: "A colheita não dá no primeiro ano de roçado agroecológico, se vocês forem ver nas redes sociais as experiências comprovadas"[14].

12 ASSIS, Renato Linhares de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: Perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. In: **Econ. Aplic.,** 10(1): 75-89, jan-mar 2006. P. 77

13 THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 31

14 Maria Aparecida de Almeida Cândido, 39 anos, agricultora, residente na comunidade de Zipu, Pacujá. Palavras retiradas do vídeo gravado no dia 14 de dezembro de 2018

Vale ressaltar que Maria Aparecida também é tesoureira da Casa das Sementes. A questão do tempo de colheita é que de certa forma precisa ser bem trabalhada porque quando os agricultores da região usavam a coivara como técnica, a colheita era mais rápida, mas em compensação era comum a reclamação com relação a baixa fertilidade da terra ano após ano. Assim, tudo se passa de outra forma com o roçado agroecológico, porque o tempo da colheita tem que ser repensado. Passa mais tempo para colher, mas em compensação a terra permanece fértil por muito mais tempo. A iniciativa conta com apoio do projeto Cáritas, sendo que

> A Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural[15].

O roçado agroecológico, conta ainda com o apoio decisivo da Rede de Intercâmbio de Sementes – RIS. Na localidade de Zipu, o sindicato tem a sua Casa das Sementes, que organiza o roçado agroecológico, e que está sob a coordenação do agricultor Marcos Antônio da Silva. Assim é que a Rede de Intercâmbio de Sementes

> tem por objetivo o fortalecimento das organizações comunitárias através de intercâmbios de sementes e saberes entre os agricultores e agricultoras. Tem ainda como missão, contribuir para que as políticas públicas possam ser formuladas e implementadas a partir de experiências concretas no semiárido[16].

15 http://caritas.org.br Acesso em: 29 de abril de 2019, às 23h.

16 A experiência da Rede de Intercâmbio de Sementes – RIS – Zona Norte do Ceará: Semeando soluções, colhendo cidadania <http://agroecologiaemrede.org.br/experiencias.php?experiencia=578>. Acesso em: 29 abril. 2019 ás 17h.

O Projeto Paulo Freire também apoia a iniciativa do roçado agroecológico, sendo que:

> O programa estimula o fortalecimento de capacidades individuais e coletivas, principalmente no que se refere ao desenvolvimento sustentável e de renda para as famílias extremamente pobres. Núcleos familiares chefiados por mulheres, comunidades indígenas, quilombolas e de pescadores artesanais estão entre as prioridades do projeto. A projeção é de que o programa atenda diretamente 228 mil pessoas – 39,57% da população do Ceará (IBGE 2017)[17].

Percebe-se assim que se forma uma rede de ação a partir de instituições que têm em sua forma de agir, o trabalho coletivo e comprometido com uma visão humana e social ligada a um novo uso e implemento das atividades agrícolas. As três instituições elencadas acima, primam por uma ideia de trabalho comunitário, coletivo e fraterno. No fundo a intenção é estabelecer, como já frisamos, a unidade perdida entre a humanidade e a natureza, questão sempre desafiadora.

Temos na imagem abaixo uma turma do Parfor-História de Pacujá, numa aula de campo junto ao roçado agroecológico de Zipu, numa ação muito importante para que as condições trabalhadas no campo, dentro do contexto de organização dos trabalhadores rurais cheguem ao campo universitário, e que de alguma forma reverberem em formas de ensinar nas escolas da cidade.

17 Projeto Paulo Freire: Governo do Ceará investe R$ 37,9 milhões em cooperativas e produtores rurais. Disponível em: <http://www.fetraece.org.br/noticias_detalhes.php?cod_noticia=353#.XMbuZ-hKjIU>. Acesso em: 29 de abril. 2019.

Figura 2 - Preparação de Roçado Agroecológico, vendo-se um "camaleão" e estudantes do Parfor.

Fonte: Cristiano Borges

Através deste projeto inovador, a comunidade ligada ao roçado agroecológico vem obtendo grandes avanços socioculturais, tendo como uma das principais conquistas o incentivo do trabalho de forma coletiva. Nas palavras de Maria Aparecida:

> Hoje se a gente não tem uma opinião sobre tudo que vem acontecendo no nosso pais, não somente fora, mas como na nossa base, nós precisamos ter esses momentos de construção, não somente o trabalho braçal, mas como um todo, nas reuniões é de suma importância a participação de todo o coletivo [18].

Maria Aparecida deixa muito claro em sua fala que o trabalho coletivo é uma saída importante para vencer as dificuldades não só de lidar com a natureza, mas também para se manter saudável e fazer com que a terra esteja mais fértil durante mais tempo. O trabalho coletivo é o mote dessa empreitada e desafio para todos os trabalhadores e trabalhadoras rurais.

18 Maria Aparecida de Almeida Cândido, 39 anos, agricultora, residente na comunidade de Zipu, Pacujá. Palavras retiradas do vídeo gravado no dia 14 de dezembro de 2018.

Figura 3 - Maria Aparecida de Almeida Cândido com estudantes do Parfor

Fonte: Cristiano Borges Lopes

Uma experiência agroecológica tem muita força e influência de forma decisiva vidas e projetos de futuro. Plantar no sistema agroecológico é procurar garantir o presente e o futuro, é semear um novo futuro, abrindo espaço para um diálogo entre o campo e a cidade, como vemos acima, quando Maria Aparecida narrou suas experiências para os estudantes de História de Pacujá.

Sabemos que não estamos sozinhos no Planeta Terra, que os humanos dividem espaço com a fauna e a flora. Que a suposta superioridade racional humana precisa ser relativizada na medida em que há certa conexão entre tantas existências animais e vegetais planetárias. Mesmo assim, "por mais diversas que sejam as nossas percepções do meio ambiente, como membros da mesma espécie, estamos limitados a ver as coisas de uma certa maneira"[19], o que nos faz diversos e unos, múltiplos e únicos...

19 TUAN, Yi-Fu. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina-Eduel, 2012, p. 21

ECOLOGIA SONORA: A EXPERIÊNCIA DO ROCK NO RÁDIO PACUJAENSE

A cidade para nós, como já frisamos, é um espaço praticado, quer dizer, é um lugar em que existimos e resistimos, pelo trabalho, pela arte, sonhando e imaginando, construindo nossas vidas e nossas identidades, sendo parte do que somos, do que fomos e do que seremos, a partir de nossas escolhas no presente. Espaço vivido, sentido e mapeado, a cidade é sempre sensação, emoção, sentidos, sons, práticas e sonhos. É possível cartografar a cidade, como fez o poeta Mário Quintana em seu poema *O mapa*:

> Olho o mapa da cidade
> Como quem examinasse
> A anatomia de um corpo...
> (E nem que fosse o meu corpo!)
> Sinto uma dor infinita
> Das ruas de Porto Alegre
> Onde jamais passarei...
> Ha tanta esquina esquisita,
> Tanta nuança de paredes,
> Ha tanta moca bonita
> Nas ruas que não andei
> (E há uma rua encantada
> Que nem em sonhos sonhei...)
> Quando eu for, um dia desses,
> Poeira ou folha levada
> No vento da madrugada,
> Serei um pouco do nada
> Invisível, delicioso
> Que faz com que o teu ar

Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)
E talvez de meu repouso...

O que pensa e escreve o poeta de certo modo nos arranca do chão e nos faz pensar que uma cidade, que Pacujá, é pedra e sentimento, é sentido e emoção, sonho e busca. Para quantos de nós, andar por determinada rua de nossa cidade, não dói, como dói na vida do poeta andar por ruas de Porto Alegre por onde ele nunca passou? Dói talvez porque falta no mapa da cidade aquela casa antiga, agora destruída, a velha árvore, arrrancada, ou mesmo a rua de terra batida, e quem sabe a bodega daquele senhor já falecido, lugar em que menino, íamos comprar doces ou pão... Quem sabe não exista mais no espaço sonoro da cidade o som típico da oficina ou da picareta abrindo uma rua na pedra ou no barro.

Sabemos que, nesse sentido, que

> O próprio espaço se contrai, porque nossa experiência de espaço é aumentada grandemente pelo sentido auditivo, que fornece informações do mundo além do campo visual.[20]

Entre tantas formas de percepção do mundo, temos a audição. Escutamos, e escutar é uma questão cultural comum as pessoas sem problemas auditivos. De certa maneira escutamos tudo e todos. Especialmente o campo musical natural e artificial que nos rodeia e que nos impacta de alguma forma. Mas, o que é música, essa produzida pelas culturas, pelas mais variadas manifestações da sensibilidade? Nossa conceituação do que é música, é muito abrangente, não se circunscrevendo a formas ou gêneros, ainda que estejamos falando de Rock

20 TUAN, Yi-Fu. Op.cit. p. 26

neste ponto de nossas reflexões. Música seriam "todos os sons que fazem parte de um campo contínuo de possibilidades (...)", sendo "o universo sonoro", em que o músico é "qualquer um e qualquer coisa que soe!" .[21]

Nesse sentido é que falamos em *paisagem sonora* ou *ecologia sonora*. Por isso mesmo, também somos *músicos* na medida em que produzimos inúmeros sons que fazem "parte de um campo contínuo de possibilidades", desde o canto que entoamos na hora do banho, o bater de palmas, o som de nosso corpo, de nossos passos ou quando ligamos a moto, o carro em que andamos, ou mesmo quando ligamos o nosso som ou celular e ouvimos nossas músicas preferidas. Todos os sons são parte essencial de arquivos sonoros que alimentamos ao longo de nossa vida, e enquanto tais, são importantes para contar a nossa História e a História de nossa cidade.

Na *paisagem sonora* das nossas cidades, especialmente depois da década de 1970 do século XX, em muitos lugares, os sons radiofônicos começaram a fazer parte de seu universo sonoro. Por isso, "a dominação da vida moderna pelo rádio não passou sem ser notada", de modo que "tornou-se a canção dos pássaros da vida moderna, a paisagem sonora "natural""[22], compondo uma sinfonia de vozes próximas e distantes, informando, divertindo, conclamando, solicitando, criticando[23].

A História do Rock no rádio pacujaense começa a ser escrita em meados do ano de 2013, para ser mais exato, no dia 25 de novembro. Com a criação do extinto programa Tropical Rádio Rock, que era transmitido pela rádio comunitária 'Rádio Tropical FM 98,7' de Pacujá, que tinha o intuito de introduzir o Rock e estilos relacionados nas noites do rádio pacujaense.

21 SCHAFER, op. cit. p. 20

22 SCHAFER, op. cit. p. 133-137

23 A rádio mais antiga do Ceará, a Rádio Clube, foi inaugurada em Fortaleza na década de 1930.

Figura 4 – Wagner Brito e Cristiano Borges nos estúdios da Tropical FM, apresentando Tropical Rádio Rock, em 2013.

Fonte: Cristiano Borges Lopes

A ideia de criar um programa de rock surgiu quando percebemos que em nossa cidade raramente tocava esse tipo de música na rádio local, então, um grupo de amigos que na época estava cursando o último período do ensino médio, teve a iniciativa de ir à rádio pedir o espaço merecido do rock. O *Programa Tropical Rádio Rock*, era o único programa sem fins lucrativos dentro da programação da rádio, e chegou a ter quatro apresentadores na condução dos trabalhos, Ana Maria de Almeida, Cristiano Borges, Diassis Ribeiro, Domingos Brito e Wagner Brito, contando ainda com algumas participações especiais, mas com o passar do tempo e por motivos pessoais, os colegas de apresentação ou locução foram saindo, e assim, Cristiano Borges foi tocando o projeto, até que houve um período em que a rádio ficou com o site fora do ar por longo período, de 2015 a 2020. Na foto acima temos um flagrante de um dos programas na *Rádio Tropical FM*.

Em razão desse contratempo foi tomada a difícil decisão de encerrar as atividades do Programa Tropical Rádio Rock, mesmo tendo a consciência da grande expressividade do mesmo para com o público local.

ERA CANGAÇO RÁDIO ROCK

Com o fim do *Programa Tropical Rádio Rock*, surgiu a oportunidade para que se pudesse colocar em prática um plano ainda mais ambicioso, que foi a criação de uma Web Rádio/Site dedicada exclusivamente ao Rock/Metal e suas vertentes sonoras, com o foco em divulgar trabalhos de bandas independentes de todo o Brasil, difundindo a cultura rock, e mostrando que temos um cenário *underground*[24] riquíssimo, ou seja, um cenário cultural que foge aos padrões comerciais e que está geralmente fora das mídias mais consagradas. Promovendo programas, entrevistas, resenhas (cds, zines, shows), matérias especiais, divulgação de clipes, turnês e muito mais.

Temos abaixo uma das logo marcas da *Cangaço Rádio Rock*, uma marca estilizada procurando associar a força do movimento mais subterrâneo ao símbolo do cangaço representado pela estilização do chapéu do cangaceiro.

24 A cultura ou movimento underground, que é formada por um grupo de pessoas que não está preocupada em seguir padrões comerciais, e pode ser chamada também de cena underground. A Cultura Underground está relacionada a música, artes plásticas, literatura e toda forma de expressão através das artes, principalmente pela cultura urbana contemporânea.

Figura 5 – Logo da Cangaço Rádio Rock

Fonte: Cristiano Borges Lopes

Em curto espaço de tempo a *Cangaço Rádio Rock*, que tem esse nome, como já frisamos acima, porque a estética e cultura do Cangaço nordestino foi nossa grande inspiração para essa nomenclatura. Somos nordestinos e brasileiros, sempre buscamos a valorização da nossa cultura regional e nacional. Nós sempre buscamos propagação da cultura do sertão, nesse caso, o Cangaço[25]. Em nossa trajetória muitas foram as importantes conquistas, firmando importantes parcerias que possibilitaram a expansão dos nossos projetos, com o lançamento

25 O termo cangaço deriva da palavra canga, objeto usado no trato com os bois na roça. A canga era uma madeira que passava no pescoço do boi e lhe prende ao arreio. Os cangaceiros viviam deforma errante e traziam consigo tudo que possuíam. O cangaço manifestou-se na sociedade brasileira como uma forma de protesto diante das injustiças sociais observadas nas regiões mais retiradas do país. O nordeste perdeu seu prestigio nacional ainda durante a colônia quando a capital deslocou-se para o sudeste na cidade do Rio de Janeiro. Pouco ou nada mudou durante o Império o que gestou na população local nordestina uma grande insatisfação, principalmente diante do poderio dos grandes proprietários de terras que se apropriavam das melhores terras legando a população serem seus empregados ou manterem terras improdutivas.Ver: https://www.infoescola.com/historia/cangaço

de coletâneas, fanzines, criação de uma assessoria de impressa especializada, responsável pela comunicação de algumas bandas com a impressa especializada, tais como *Morcorf, Empire of Souls, Tenebrario, Nox Spiritus, Infector, Matakabra, Melencoliam e Ruína*. Tendo uma gravadora independente, responsável pelos lançamentos, conforme seguem:

Digitais:

Morcrof - "portae ex solis svrsvm aqvilonem" (single);
Tenebrario - "The Silence of the Ancient Souls" (EP);
Empire Of Souls - "Si Vis Pacem, Para Bellum" (single);
Tenebrario - "Second Act: Pain" (álbum);
Morcrof - "Arqués" (demo),Morcrof - "Equilibrium Of Fohat" (demo).

Físicos:

DarkTower - "Obedientia" (álbum);
Infector - "Metal da Morte" (álbum) e a Coletânea Cangaço Rádio Rock. Vemos abaixo um dos cds lançados.

Figura 6 – CD lançado pela Cangaço Rádio Rock

Fonte: Cristiano Borges Lopes

ASSESSORIA E SELO

O *Cangaço Rock Comunicações*. Um projeto que se solidificou com o passar dos anos, já que através dos trabalhos com a rádio passamos a observar as deficiências e necessidades da cena, e com isso tivemos a certeza de alavancar ainda mais apoio, partindo para o ramo de assessoria de imprensa e assim concretizando o objetivo do projeto. Um trabalho que abrange uma massiva divulgação por meio de várias pontes com notícias, lançamentos, shows, resenhas, videoclipes (entre outros), são expelidos de forma direta e certeira em grande parte dos meios de comunicações que abrangem o underground brasileiro.

PROGRAMAS

Atualmente a Web Rádio conta com três programas em sua programação, sendo eles: *Rock out of the Box* (visto abaixo), programa destinado às vertentes do rock n'roll, grunge, hard rock, progressive rock, instrumental, indie rock, jazz rock, blues rock, entre outras sonoridades do mesmo seguimento. É o Rock fora da caixa, é um universo que engloba todos os estilos, sendo uma analogia da música "Man in the Box", da banda Alice in Chains. Que traz como contexto um sujeito que está preso numa *caixa*, para usar uma metáfora, por causa da religião. Ele imagina que o mundo só existe daquela forma, não tendo visão de mundo. Ele vive em uma espécie de Mito da Caverna de Platão. Portanto, o título "Rock out of the Box" traz o significado de liberdade, ou seja, o ser pensante fora da caixa, livre das amarras impostas pelo próprio homem para dominar os seus semelhantes. A magia do rock é para todos.

O programa *Cova de Sangue* foi criado com o intuito de disseminar as ideias de bandas moribundas do nosso cenário underground, nas vertentes do Thrash Metal, Death Metal,

Doom Metal, Depressive Metal, Doom Metal, Gothic Metal, Dark Metal Industrial, entre outras que se incluem nas variações das vertentes mencionadas. O título *Cova de Sangue*, teve seu embasamento devido ao seu público alvo, no caso a galera que aprecia um som mais depressivo, como Pink Floyd, refletindo o sujeito que é mais recluso na sociedade dita 'normal" , e que não vive certa lavagem cerebral dessa sociedade "normal", mas que curte um cemitério. A designação do *Cova de Sangue* é justamente uma fenda onde os Doomers, ou seja, as pessoas que acreditam na catástrofe da civilização industrial se a natureza continuar sendo agredida, e que por isso se isolam para exaltarem a arte poética lúdica das épocas renascentista, dos poemas de Cruz e Sousa, Álvares de Azevedo e Augusto dos Anjos.

O programa *Peste Negra*, como vemos abaixo em sua logomarca, apresenta um tributo ao Metal extremo, dando atenção especial ao mais negro dos metais, o Black Metal brasileiro. O programa é feito do underground para o underground, por gente que vivência essa dimensão, e até por não ser mercantilista apresenta apenas aquilo que seria o real, autêntico e honesto em nossa *cena*. O título que nomeia o programa foi inspirado na trágica pandemia da Peste Negra ocorrida no século XIV, que resultou provavelmente na morte de 75 a 200 milhões de pessoas na Europa.

Figura 7 – Logo do Rock out of the Box

Fonte: Cristiano Borges Lopes

Figura 8 – Logo do Cova de Sangue

Fonte: Cristiano Borges Lopes

Figura 9 – Logo do Peste Negra

Fonte: Cristiano Borges Lopes

FANZINE

O Cangaço Rock Informativo é mais um trabalho fruto da nossa persistência e resistência para com a cena underground do Brasil. O fanzine[26] foi criado como uma ferramenta em prol da propagação do *underground* de forma despretensiosa, mas que hoje tem tido um grande respaldo. Até o momento lançamos duas edições e estamos com a terceira no processo de diagramação, e a quarta em produção. O zine tem um diferencial,

26 A palavra 'fanzine' nasceu da redução fônica da expressão fanatic magazine. Ela provém da combinação do final do vocábulo 'magazine', que tem o sentido de 'revista', com o início de 'fanatic'. Trata-se de um veículo editado por um fã, seja de graphic novels, obras de ficção científica, ou de poemas, músicas, filmes, vídeo-games, entre outras temáticas incorporadas por estas publicações.Enfim, são elaboradas por admiradores de certo assunto para pessoas que compartilham a mesma paixão. Eles podem ser peritos neste campo ou simples entusiastas. As publicações mais profissionais são conhecidas como 'prozines'. Em um ou em outro os temas podem ser enfocados sob diversas formas: contos, poemas, documentários, quadrinhos, entre outros. Ver: https://www.infoescola.com/curiosidades/fanzine/

pois apostamos em grandes nomes da *cena underground* nacional, assim como grandes nomes da música pesada da América do Sul, Central e Europeia. Com enfoque a bandas que executam desde o Hardcore/Punk/Crust ao Black. A edição e editorial da publicação do fanzine é comandada por Cristiano Borges e parceiros, que a cada edição tem aumentado consideravelmente, tornando possível a realização de importantes publicações. Atualmente, além de Cristiano Borges a equipe conta com os colaborados; Deivison Ferreira, Guga Burkhardt, Ricardo Cunha, Vinny Almeida, Vitor Franceschini, Jéssica Mar, Andre Chaves, Tiago Siqueira, Marina Macêdo, Guigo Romagna, Elimar (Amraking) Oliveira, Jaime "Kbrunco" Amorim, Augusto Hunter, Vanessa Boettcher, Klaus Zülow e Maicon Leite. Temos abaixo a capa do fanzine de número 2.

Figura 10 – Fanzine n° 02

Fonte: Cristiano Borges Lopes

COLETÂNEAS

A coletânea foi mais um projeto idealizado pela equipe da *Cangaço Rádio Rock*, que tem como objetivo o apoio ao metal underground. As coletâneas, trazem mais do que música. Trazem a cultura, a arte e a atitude daqueles que entendem que música não é um mero produto a ser exposto numa prateleira...

Com bandas independentes de todas as regiões do Brasil e com bandas estrangeiras, a *Cangaço Radio Rock* mostra que aquilo que nos une destrói fronteiras e sobrepuja barreiras, pois temos muito mais semelhanças do que diferenças, e aquilo que nos torna diferentes é o respeito que temos por aquilo que nos faz Metal.

Muitos falam sobre as dificuldades em fazer, realizar. Nós mostramos com orgulho que muito pode e deve ser feito. O que esperamos que a cidade poie, divulgue, fazendo parte de um projeto que prima pela diferença e pela originalidade diante de da cena cultural em Pacujá.

Ao longo dos anos, a *Cangaço Rádio Rock* lançou 7 edições, sendo 6 no formato digital e 1 no formato físico, lançada em meados do mês de fevereiro do ano de 2020. Sempre procurando trabalhar com impressão profissional para que o sentido da música em que acreditamos seja parte de uma estética atrativa e vivaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma cidade não é feita apenas do que vemos cotidianamente, ou seja, não é meramente um objeto material, um amontoado de ferro, cimento, pedra, vidro, cal, fachadas, ruas, esquinas bairros, construções, monumentos. Uma cidade também é feita de sonhos (quantos de nós não já sonhou com outra cidade possível dentro da cidade em que moramos ou sonhamos morar?), de imaginação, de memórias, de sons, sonoridades variadas do campo e da cidade, sons musicais. Por isso mesmo, as cidades são diferentes, porque muitas vezes não são interpretadas da mesma forma em que são sentidas. E muitos são os sentimentos que nos movem. A cidade pode ser toda coração. Pode ser toda raiva. Ressentimento. Por outro lado, as cidades são de difícil interpretação. Mas podem ser pensadas e estudadas de múltiplas formas e métodos. Nesse sentido, sentimos e aprendemos um pouco de Pacujá a partir da experiência do Roçado Agroecológico e da *Cangaço Rádio Rock*.

Entre os historiadores ligados a História Ambiental é consenso que essa vertente historiográfica apresente algumas questões importantes, como entender a formação geológica da Terra em todos os seus aspectos, espécies, gêneros, bem como a forma como espécie humana começou a se apropriar da natureza a partir de suas práticas de distensão de seu corpo, na criação de instrumentos de trabalho, por exemplo e, por outro lado, como o pensamento humano foi constituindo o mundo a partir de sua imaginação, mito, razão, afeto, sensibilidade. Essas questões sucintamente elencadas, de certo modo ainda estão presentes entre os agricultores de Pacujá, especialmente entre aqueles que trabalham no roçado agroecológico, na medida em que o que está em jogo não é apenas produzir, mas também conviver, criar modos de relação, e isso envolve imaginação, rito, festa, que fica muito claro, por exemplo, durante as colheitas.

Toda cidade, por menos que seja, guarda dentro dela muitas cidades possíveis. Por isso há muitos modos de se viver e de se contar suas histórias. Uma atividade agrária, ligada a modos de vida compartilhada, pode ser uma delas, como vimos. Outra forma é a ecologia sonora, especificamente o universo musical. Assim, como canta a banda de metal *Bullet Bane*, na canção *Mutação*, "Na real eu vejo mais", e sei que é preciso "Desfocar o meu olhar", para que desse modo possamos entender ainda mais Pacujá, sabendo dessa forma que a cidade é parte de mim, é parte de nós, e que por isso mesmo, precisamos estudar sua História e analisar o seu presente de olhos bem abertos e ouvidos apurados para todos os sons que percorrem ruas, espaços e cenários da cidade...

Figura 11 – Alunos do Parfor/História de Pacujá com agricultores

Fonte: Cristiano Borges Lopes

REFERÊNCIAS

Sites

A experiência da Rede de Intercâmbio de Sementes – RIS – Zona Norte do Ceará: Semeando soluções, colhendo cidadania <http://agroecologiaemrede.org.br/experiencias.php?experiencia=578>. Acesso em: 29 abril. 2019.

Article in Ciência Hoje · October 2012. Acesso: 28/04/2020

Cáritas Brasileira. Disponível em: <http://caritas.org.br>. Acesso em: 29 abril. 2019.

cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/pacuja/panorama. Acesso em 29/04/2020

Projeto Paulo Freire: Governo do Ceará investe R$ 37,9 milhões em cooperativas e produtores rurais. Disponível em: <http://www.fetraece.org.br/noticias_detalhes.php?cod_noticia=353#.XMbuZ-hKjIU>. Acesso em: 29 abril. 2019.

InfoEscola: https://www.infoescola.com/curiosidades/fanzine

Livros

ASSIS, Renato Linhares de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: Perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. In: **Econ. Aplic.,** 10(1): 75-89, jan-mar 2006.CAROLA, Carlos Renato. Meio ambiente. In. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) Novos temas nas aulas de história. São Paulo: Editora Contexto, 2018

CAROLA, Carlos Renato. Meio ambiente. In. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Novos temas nas aulas de história.** São Paulo: Editora Contexto, 2018.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992

WOSTER, Donald. **Para fazer história ambiental.** Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, Estudos Históricos, 1991, v. n.8

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo.** São Paulo: Editora Unesp, 1997

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988

TUAN, Yi-Fu. Topofilia. **Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Eduel, 2012.

SOBRE OS AUTORES

Cristiano Borges Lopes

Cursa licenciatura em História (PARFOR--UVA) na turma de Pacujá/CE. Editor da revista (fanzine) Cangaço Rock Informativo, idealizador da Cangaço Rádio Rock do selo e assessoria de imprensa Cangaço Rock Comunicações. Colaborador do site Headbangers BR. Musicalmente falando, é um apreciador da boa música que abrange Rock/Metal e suas vertentes sonoras, além dedica grande parte do seu tempo livre na pesquisa de assuntos pertinentes ao cenário underground do Brasil. Sempre em busca de conhecer novas bandas!

Francisco Dênis Melo

Historiador de formação e professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Seu trabalho versa sobre História Local, História e Literatura, Religiosidade Popular e Paisagens Sonoras na História da cidade de Sobra. Sua profissão de historiador tem na construção de relação direta com a fabricação do mundo pelo uso intermitente das palavras, das linguagens. Sendo a linguagem entendida como fato social. O passado entendido em sua independência mas sendo necessário para se tentar dar conta do presente em sua multiplicidade. De outra forma, a profissão de Historiador tem relação direta com a Arte na medida em que para muitos historiadores, a História é ciência e é arte. Limiar de um sentido estético sobre o mundo, consideramos com o historiador Tzvetan Todorv, que *A beleza salvará o mundo*, título de um de seus mais belos trabalhos. Seus trabalhos se inserem, por isso mesmo, na chamada História Cultural. Ansioso por inventar coisas, quis inventar um sentido para a História em sua perspectiva sonora, entendendo a necessidade de uma História Cultural dos Sons, algo abarcado por uma epistemologia que chamou de *Historiofonia*.

CANGAÇO RÁDIO ROCK

cangacoradiorock.com.br

instagram.com/cangacoradio

facebook.com/cangacoradiorock